

# O AMOR-PERFEITO

JORNAL CRITICO JOCOSO E INSTRUCTIVO.

## O VALOR DA IMPRENSA.

**A** IMPRENSA é o grande poder constituído do seculo XIX. É a unica soberania que não vacilla, a só dictadura que não abdica. Em quanto a Europa se offerece á contemplação do homem d'estado, e do philosopho, como um vasto museu do direito público, resumindo contemporaneamente todas as variedades, todas as formulas parciais da civilisação, desde a autocracia immobil, até á demoeracia inquieta e devoradora; desde a monarchia representativa, até a anarchia desvairada; desde a theocracia expirante, até a emancipação das consciencias; desde a fé tradicional, no passado, até as esperanças nebulosas do futuro, e as contemporizações egoistas do presente; a IMPRENSA alevanta-se triumphante e consagrada.

É o pharol alumando immobil as scenas da tempestade; é a montanha tocando as nuvens, com a cima illuminada, a zombar do diluvio, que lhe brame ao redor; é a voz poderosa dos destinos humanos, apregoada eternamente entre a agitação das paixões.

Similhantes ás pyramides do Cairo,

as gerações tumultuam-lhe ao pé, vacillam, cáem.... e a IMPRENSA fica sempre! Tudo passa, tudo morre! A opinião, este tyranno cruel, mas idolatrado das multidões, transforma-se como a moda; os interesses se debatem, supplantam-se e esquecem. O que kontem alimentava o enthusiasmo basta hoje apenas para alimentar a indifferença. Os cultos, decretados e propensos a um principio, a uma nacionalidade, a um homem, ao estampido dos canhões nas batalhas, ao vozcar da sedição nas praças publicas, envelhecem-se e sómente no limbo da historia; mas a IMPRENSA é superior a tudo. É inflexivel, como a lei,— immutavel como a causa. No mundo physico, as fôrmas da materia são infinitas;— as transformações innumeraveis:— a lei que as regula é eterna. No mundo social a gravitação é a IMPRENSA.

Quem sabe se amanhã, ás linhas divisorias dos estados se terão deslocado?! Os Pyreneos poderão amanhã desaparecer da carta politica da Europa;— os Alpes poderão refugir das fronteiras, e situar-se no intimo de um grande estado! Não admirará. A balança politica não é um systema concebido *ab eterno*. A fortuna, a se-

trategia e a diplomacia explicam de sobra estes phenomenos !!!...

Mas annullai a IMPRENSA! — Não o podereis conseguir jámais.

É vedado ao mortal ler no futuro.

Ninguém poderia asseverar que no delirio das metamorphoses sociaes, no entusiasmo febril da aspiração indefinida para o ideal da humanidade, não verá amanhã os pendões historicos das nações abaterem-se um momento ante o estandarte vermelho, inaugurado no cenaculo de alguns sectarios. Ninguém pôde affirmar que não curvará um dia o collo aos grilhões do despotismo hereditario, ou ao gladio homicida das dictaduras populares.

Mas ninguém ousará interromper por uma prophecia insensata o curso triumphal da IMPRENSA.

Nunca destruireis a familia o — AMOR, a CARIDADE, — as tendencias espirituaes e sublimes da humanidade! Nunca destruireis a IMPRENSA, que as resume, que as explica, e que as traduz admiravelmente.

Os proselytos grupam-se com fervor junto do dogma que tem por eterno; a superioridade incontestavel de um principio congrega-lhe partidarios e campeões: eis-aqui porque todos profiam, e se desvelam no culto da IMPRENSA. — O escriptor é o seu sacerdote.... E d'entre os sacerdotes, é o jornalista o que vela constante junto do fogo sagrado da IMPRENSA!

Ha um orgulho fundado na participação íntima aos ritos d'esta religião universal. É o prazer de afiliar-se n'esta oligarchia poderosa, que do-

mina sem constringer — que resume um poder formidavel sem o usurpar, e que o impõe ás multidões, sem as aviltar; que as submete animando-as e que as vence engrandecendo-as.

Eis a razão porque empreendemos a publicação do nosso jornal, e n'ella proseguiremos com a devoção do entusiasmo, e com a sinceridade de uma crença profunda.

Falta-nos a vocação, temos a sympathia; fallece-nos o talento, teremos o esforço. E se chegarmos ao termo, os que nos accusarem de arrojados e de incompetentes, não hão de nunca negar-dos a — INDEPENDENCIA, e a IMPARCIALIDADE.



### A ESCARLATINA E A ESPECULAÇÃO.

**D**IZIA certo velho, nosso amigo, que a — *pedra philosophal* — era uma verdade incontestavel, porque não havia nada n'este mundo, que se não pudesse transformar em ouro; o ponto era saber procurar-se o geito.

Ríamos sempre d'este dito do bom velho, pois sómente o julgavamos mero gracejo, e meio de fazer passar o tempo, que, quasi sempre, em avançada idade, torna-se importuno e incômodo.

Hoje, porém, que o volver dos janeiros nos hão tornado, senão avisados, ao menos mais experientes, conhecemos que aquelle excellent homem tinha carradas de razão.

Ainda não ha muito tempo descobriu-se que certos *sujeitinhos* tinham tal habilidade, que transmutavam palitos fulminantes, que se appellidam — *phosphoros* — em notas de 5.000 rs.

Mas esta *esperteza*, se tal nome pôde dar-se, era fraudulenta, e, por consequencia, criminosa; e não pactuaremos, em tempo algum, com o crime, nem com os seus autores.

Chegou a *escarlatina*.... oh! isso sim, é negocio de nova especie, em o qual pouco ou nada ha a arriscar-se, e onde o lucro é quasi certo.

Uma notabilidade medica — por amor da humanidade — declarou que a *escarlatina* grassava com mais furor do que em 1843; e, por isso, aconselhava o seu remedio, cuja receita publicára em um jornal d'aquelle anno, que citou; porém cremos que se enganou no mez e data, porque não a encontramos no logar indicado. — Felizmente a perda não foi grande, poisque uma velha, nossa vizinha, explicou-nos que o tal medicamento constava de um môlho bem feito de — pimenta, linão e sal. — Estes môlhos têm dado que fazer a muita gente; são optimos para peixe fresco... esse tambem servein para curar a *escarlatina*, é o que ignoramos completamente, e nenhum desejo temos de o verificar. Em todo o caso, louvamos o seu autor; pois elle bem sabe o que fez.

Surgiu após esse annuncio, logo outro, offeritando remedios de graça; o que achamos muito justo e louvavel, pois demonstra — sublimada philantropia, — se é que não ha algum fim occulto, que não podemos penetrar. Entretanto encarado esse procedimento, pelo lado da humanidade, mercede a nossa inteira approvação; pois cremos que seu autor não ignora o que pratica a tal respeito. — Oxalá que outros o imitassem.... porém em negocios taes, ha muitos escrupulos.... e quem possue um — *nome formado* — não deve praticar certos actos, que, em seu pensar, são *degradantes*!....

Já tinhamos, por tanto, uma boa receita, e medicamentos de graça contra a cruel epidemia; eis se não quando apparece terceiro annuncio de um medico, que vai firmando a

sua reputação, em o qual faz ver ao respeitavel público d'esta mui respeitavel e nobre capital, que a *camphora* é infallivel preservativo contra a fatal e mortifera *escarlatina*!.... Que achado!!... Quando Colombo descobriu a America não teve maior prazer, do que sentiram todos os droguistas e boticarios! — Saltaram de contentes; e quem sabe se não prometteram fazer uma ovação ao prestante mortal, que lhes proporcionava o meio de se livrarem de um grande embaraço commercial; porque a droga annunciada como preservativo do cruel flagello, se achava no mercado pelo vil preço de 900 rs. a libra.

Mas, vulgariza-se a noticia.... corre o povo em massa a comprar o milagroso *amuleto*, que o pôde livrar de uma morte quasi certa.... Aparecem artigos pomposos, elevando além das nuvens as preciosas virtudes da *camphora*, já sob a fórma de *cigarretas*, já para ser posta na sala, na alcova e na cozinha, em banhos, em pommada, em espirito, e, para dizer tudo de uma só vez, a *camphora* de todos os modos e em todos os logares; de maneira que, n'um abrir e fechar d'olhos, foram transformadas millhares de libras d'este genero, (e já por alto valor!) em bellas *notas do thesouro*, que, apezar de fracas, servem muito...

Agora respondam os homens de tino, se o nosso amigo velho tinha ou não razão uo que affirmava?....

Concluamos o nosso fastidioso aranzel com uma perguntazinha; e vem a ser:

Grassa a *escarlatina* com furor indomito?...

No caso affirmativo; que providencias se tem dado?...

No caso negativo; para que assustar ao povo?...

Todos sabem o que fazem, e é muito natural que sejamos nós os unicos que tudo ignoramos!!!



## O MEU QUARTO.

Et toi... Julie..., soit toujours mon guide... mon soutien...

ALEX. DE LAVERGNE.

**P**ARECERA' uma extravagancia, talvez mesmo uma semi-razão a resolução que tomei de dar ao prélo o consentimento de divulgar o que se passa entre quatro paredes tristes e silenciosas, despidas e solitarias, como os ramos da paineira quando o inverno se faz sentir: entretanto foi em uma d'essas noites calidas e abafadôras, que me occorreu tal pensamento para ser logo posto em evidencia. Eil-o ahí vai tal qual me suggeriu a solidão; o isolamento originou-o, a esperança deu-lhe vida: alimentadn nas trevas, só a luz da verdade lhe poderá dar algum valimento aos olhos do incredulo, por isso crede-me.

Definir o aposento de um rapaz solteiro, fóra repetir mais uma vez o que mil vezes se tem repetido; ser-me-ia facil dizer, principalmente si quizesse ostentar a indispensavel presumpção da mocidade, que *ali e acolá* existem raminhos e cartas mysteriosas; que, junto á cabeceira, distingue-se uma rosa pallida e myrrhada, a qual outr'ora presidin bella e corada o toucado de uma belleza — mesmo assim —; acrescentaria que um papel semi-aberto, escripto ás prcssas, e com caracteres tão pequenos e indecifraveis, que apenas se podem lêr, marca a pagina de um livro que parece condoer-se da flôrzinha sem viço, sem cheiro, sem alma, e que, vergonhosa, occulta-se no interior de suas desbotadas e emmurhecidas folhas. Porém, para isso avançar, mentiria por certo, e desde então, sempre que levantasse a voz para affirmar, julgar-se-ia que o fazia para negar.

O meu quarto offerece um quadro inverso d'aquelle que nos apresentam os do mancebos de hoje; não tem os seus attractivos, mas excede-os em *felicidade*. — *Ali*, n'aquel-

la caixinha, ha flôres; *acolá*, n'aquelle album, ha um bilhete cautelosamente guardado: as flôres formam um raminho delicado e seductor, o bi'hete encerra palavras siuecras e sem mysterio: o raminho compõe-se de AMORES-PERFEITOS, a sinccidade das palavras provém de sua franqueza.

Quem penetrar até o meu leito não verá esse abandono, esse deleixo que reina algures, não; porque quero sempre ser o unico depositario de meus segredos, quero viver á sós com elles, e não publical-os senão quando á par da realidade eu entrevir a ventura de gozal-a. De redor d'esse leito isolado, ha livros, papeis, jornaes... Entre os primeiros descobrem-se romances e poesias; no meio dos papeis, encontra-se o arrebatamento de uma imaginação allucinada, que se tem debatido com o infortunio; entre os ultimos realçam o BEIJA-FLÔR, o AMOR-PERFEITO... e nada mais.

— Então, me perguntareis, em que consiste a helleza do teu quarto? onde está essa felicidade que apregôas e que pareces fruir ao passo que a descreves? — Eil-a sobre aquella cama, *ali* onde reina o silencio dos tumulos, *ali*, onde não tenho por compulhia scuão o pensar, *ella* apparece-me, ora risonha e bella como o sorrir da aurora, ora apaixonada e amante como o beijo de uma mãe que acaricia seu filho: é um *sonho*, bem o sei; é uma *illusão* de mais á que se presta a minha imaginação; porém este sonho, esta illusão, têm o duplo valor de todas as ambições que são permittidas á mocidade. *Ali*, fallo a sós com *ella*, conto-lhe os meus pezares, narro-lhe os meus soffrimentos, abro-lhe a minha alma... e *ella*, boa e meiga, innocente e casta, prodigaliza-me consolações emanadas do céu, dá-me alento quando de mini se apossa o desanimo, tranquilliza-me quando sou victima do desespero, e por ultimo fecha a chaga que corrôe-me o coração, pronnunciando bem baixinho estas palavras cheias de vida: „ *Eu te amo!*...“

## O Amor-Perfeito.

5

— E d'onde procedeu aquelle raminho que zeloso guardas? qual a sua significação?... — Foi *ella*, anjo ou mulher, que o fez passar das suas para as minhas mãos; e o anjo da guarda nunca offertou affições, e a mulher que ama nunca ministrou traição: Deus mandou-a em meu auxilio... *ella* cumpre sua missão.

— E aquellas letras indecifráveis... quem as escreveu? o que querem dizer?... — Este é o meu segredo... a minha unica e verdadeira felicidade... *Ali*, n'aquellas duas linhas occultas aos olhos do mundo, encontro o gozo supremo da vida; *ali*, n'aquelles caracteres para vós inintelligíveis, leio a verdade do Evangelho, o unico amor que pôde felicitar o homem n'este mar de egoismo; de avareza, e de orgulho á que se chamou — vida —. As palavras que ouço em sonhos, creio vê-las esculpidas em letras de ouro sobre um campo de saphyra!

C. Ros...



### VARIÉDADES.

**Q**ERTO trapaceiro vestido á rustica procurava a quem depennar na praça, quando viu apparecer um notario carregando um bem recheado sacco de escudos: era um bello homem, porém ainda mais bonito era o sacco que trazia. O ratoneiro, que já o tinha visto algumas vezes, abordou-o. Senhor, disse-lhe tomando os ares de um ingenho villão; perdoe se lhe tomo o tempo por alguns momentos. Venho de uma aldeia (nomeou-a) em minha qualidade de servente de parochia, procurar um notario para prover a grandes alterações, que nos sobrevieram, e uma capa para o senhor cura, que queimou a sua este inverno aqueitando-se na sacristia. Se tivesse a bondade de indicar-me como acabava de informar do roubo da capa de

« posso obter tudo isto dever-lhe-ia um grande favor.

O notario escancarou as orelhas, e respondeu com as melhores maneiras, que era elle o homem que se procurava, e que escreveria todas as actas, e arranjaria todos os negocios da freguezia pelo preço mais commo.

— Pelo que vejo, disse o velhaco, o Sr. é notario?

— Justamente.

— Muito bem; que fortuna! Sabe que vae ganhar 200, ou 300 escudos.

— Ainda melhor.

— Mas em recompensa do freguez que lhe dou, desejo que me faça um serviço. O nosso cura é exactamente da sua altura; leve-me á casa d'um algaribebe, prove a capa, o que irá ás mil maravilhas.

O notario não pôde esquivar-se a esta pequena condescendencia. Conduziu o pseudo-sacristião a um vestimentario, viu uma boa capa, e para provar-a, depoz o sacco de escudos no balcão.

Em quanto estava de costas viradas, o larrapio *engalfinhou* o sacco, abriu a porta e fugiu.

O notario voltou-se bruscamente, e vendo partir o sacco, poz-se a urrar correndo para o lado por onde elle tinha visto desaparecer o tratante, gritando cada vez com mais força—pega ladrão.—

O alfaiate correu por seu turno, dando os mesmos gritos.

O trapaceiro que não deixava de correr seu risco, corria sempre gritando tambem: « Pega ladrão, é um sacrilego, roubou a capa de Santo Ambrosio! Está louco, peguem-no com cautella, em quanto vou buscar a « ronda. »

O populacho que via o notario correr pela rua com uma capa ás costas, suppoz que elle fosse o ladrão. Prenderam-no apressor de seus gritos, deram-lhe alguns pescoções; e a pobre gente a quem o ratoneiro acabava de informar do roubo da capa de

Santo Ambrosio, atirou-se a ella, fêl-a pedaçõs para ter reliquias, e de tal modo que ella desapareceu n'um abrir e feixar de olhos.

Foi levado a final outra vez o notario á casa do mercador; explicou-se o negocio; mas o ladrão tinha tido tempo de safar-se com o sacco, e o notario ainda foi obrigado a pagar a capa.

Não temos aqui d'estes larapios; mas entre os nossos pequenos gatunos, ha alguns tão espertos!...



Certo jacobino pregando em Veneza em dia de grande festa em honra do Rosario, contava a historia seguinte:—Um ladrão de estrada, matando, e assassinando quando a occasião se apresentava era muito exacto em resar todos os dias o seu rosario. Um viajor que elle atacára defendeu-se, e matou-o; morreu sem confissão, e seu corpo, de onde a alma não quiz partir, foi enterrado junto a um pé de carvalho pelos camaradas. Alguns mezes depois S. Domingos veio a este logar, e chamou o ladrão pelo nome. A esta voz, o defunto separou a terra que o cobria, saíu da cóva, caiu de joelhos ante S. Domingos, que o confessou, o absolveu, e encaminhou sua alma para o paraizo.



Os salteadores tambem tem differença de costumes conforme os paizes em que habitam. Não ha ninguem mais polido, e mais original do que um salteador inglez, é pouco commum que elle depenne de todo o viajor, deixa-lle sempre com que acabar a viagem. Sabe-se que uma senhora de Londres, tendo-se em horas muito adiantadas perdido no parque de S. James, e rodeada de alguns salteadores que nem lhe fallavam, mais que a seguiam com affectação, dirigiu-se a um

d'estes senhores, e pediu-lhe que a levasse a casa. Lisongeou-se o ladrão com este signal de confiança; deu o braço á dama, fez com o lenço um certo aceno aos collegas, que se apartaram, acompanhou a bella moça extraviada até á porta de sua casa, e teve a delicadeza de não accitar o convite que ella lhe fez de descançar um pouco.



## POESIA.



### O AMOR PERFEITO.

Nascido como a violeta,  
Inclinado ao réz do chão,  
Tu, ó flôr de nome lindo,  
Não has medo do suão.

Sob a copa dos rosaes  
Réstia de sol te acalora;  
E esse calor tão almo  
O tenro pé te vigora.

E's humilde, és acanhada,  
Nem amostras teu matiz;  
Mas assim mesmo occultada,  
Linda flôr, como és feliz!

Tambem como tu, Carlinda,  
Seus encantos não ostenta;  
Mas o affecto que exprimes  
Em seu peito ella apascenta.

Ella no peito te aquece,  
Unida ao seu coração;  
Ella é tua jardineira,  
E tu és sua paixão.

Ahi não deves temer  
Dos euros rijo açoitar,  
Nem do sol de estio ardente  
Fulmínea luz a vibrar.

Ahi terás um canteiro  
Da bondade mais subida,  
Tendo por auras suspiros,  
E por cultor sua vida!



### A UNS ANNOS.

Nasce a rosa no jardim,  
Que esmaltam mimosas flôres:  
Ninguem lhe sente os perfumes,  
Ninguem lhe vê os primôres.

Pouco a pouco almo bafejo  
Da fecunda creação  
Lhe alinha a fôrma, e lhe imprime  
A delicada feição.

O calix já se desdobra  
Com viço, e em louçania;  
Prende-se a um outro pétalo  
Com graça e com symetria.

O fino aroma, que entorna,  
Por entre a verde folhagem,  
As auras vem procural-o  
Como signal de homenagem.

Eis a flôr em todo o brilho;  
Eil-a tudo namorando;  
Eil-a desejos sem conta  
Casta e innocente excitando.

Mas o fado que escarnece  
Da ventura dos mortaes,  
Dá ú aragem nova força,  
Dá ao sol ardôr de mais.

Da gloria pois no apogéo  
E' a infeliz desfolhada  
Pelo ímpeto da briza,  
Ou pelo sol é crestada.

Comn a rosa do jardim,  
Tu nasceste, ó virgem linda!  
Como ella cresceu nos dotes  
Tu cresceste, e mais ainda!

Mas, praza ao céu que seu fado  
Não, não seja o fado teu!  
E que tu não emmurcheças  
Como a flôr emmurcheceu!

Nem que na taça da vida  
Bebas a negra amargura,  
Que é tantas vezes no mundo  
O premio da formosura.

MAGIEL MONTEIRO.



MOTTE.

*Entre suspiros saudosos  
Hei de amar-te ate morrer.*

GLOSA.

Em momentos desditosos  
Minha sorte foi dictada;  
Foste de mim separada  
*Entre suspiros saudosos:*  
Os mens dias venturosos  
Trocaram-se em padecer.  
Mas, sem nunca m'esquecer  
Dos instantes qu'hei gozado,  
Mesmo de ti separado  
*Hei de amar-te ate morrer.*

J. A. FERREIRA DA CUNHA.



## MOTTE.

*Ausente de ti, Armia,  
Passo os dias sempre triste.*

## GLOSA.

Passo a noite, passo o dia  
Soffrendo dura saudade,  
Vivo em cruel anciedade;  
*Ausente de ti, Armia.*  
Fugiu de mim a alegria,  
A tristeza só me assiste,  
Nem meu peito já resiste,  
A' fêra dôr qu'o atormenta;  
E n'esta vida cruenta,  
*Passo os dias sempre triste.*

J. B. DA CUNHA.



## A MINHA AMADA.

(N'um Album.)

O anjo divino que alenta meus dias  
E' doce e fagueiro no seu puro amôr,  
Pois faz á minh'alma gozar venturosa  
Da vida os effeitos em meigo fulgôr.

E' candida virgem de magnos encantos,  
Seu rosto formoso a amar me induziu;  
Seu ro-to formoso ao meu terno peito  
Mil dictas outorga quaes nunca fruíu!

Dotada de uma alma singela, amorosa,  
A minha existencia feliz faz tornar;  
Em seus niveos braços me dá os prazeres  
Com que meus desgostos me vem adoçar!

E em paga de tanta ternura e amor  
Contente eu lhe entrego o meu coração:  
E ambos gozamos de amor as delicias  
Gostando os extremos de tal união!...

E' candida virgem de magnos encantos  
Aquella a quem amo com todo o ardor:  
O anjo divino que alenta os meus dias  
A posse só tem do meu terno amor!

FLORIANO ALVES DA COSTA.



## CHARADAS.

Uma letra tão sòmente  
Me designa, e com razão; — 1  
O sol é que me produz,  
Na mais calmosa estação. — 1

Em Lysia todos os homens,  
Que manejam a charrua,  
Para o fim de seus labores,  
Cada qual possui a sua. — 2

Sou ave bem conhecida,  
Que habito mattas dispersas;  
Porém tambem significo  
Quatro cousas mui diversas.



A primeira e quarta é fructa,  
Fructa é quarta e primeira;  
Apreciavel se torna  
A segunda co' a terceira.

De côres matizada, e mui flexivel;  
Ora dormente, outr'ora em furia ardendo:  
Foge d'ella, mortal.... não te approximes...  
Porque boa não é, como estás vendo!



**A explicação da charada do  
numero antecedente é:—COS-  
MORAMA.**

Typ. CLASSICA de F. A. de Almeida  
rua da Valla, 141.